



PRINCIPAIS MENSAGENS

APRENDIZAGEM

para realizar a promessa da educação

Escolaridade não é o mesmo que aprendizagem.

No Quênia, Tanzânia e Uganda, quando se pediu aos alunos da terceira série do ensino fundamental que lessem uma frase simples como “o nome do cão é Filhote”, 75% deles não compreenderam seu significado. Na zona rural da Índia, cerca de 75% dos alunos da terceira série não foram capazes de fazer uma subtração de dois dígitos, como por exemplo $46 - 17$, e na quinta série, a metade ainda não conseguia fazer essa operação. Embora as aptidões de jovens brasileiros de 15 anos tenham melhorado, se o sistema continuar a progredir no ritmo atual, os jovens levarão 75 anos para atingir a pontuação média em matemática dos países ricos. No campo da leitura, levará mais de 260 anos. Todos esses países mediram a aprendizagem e divulgaram os seus resultados; em muitos outros, os déficits da aprendizagem continuam ocultos.

A escolaridade sem aprendizagem não é apenas uma oportunidade desperdiçada, mas também uma grande injustiça.

As crianças a quem a sociedade menos ajuda são as que mais necessitam de uma boa educação para terem êxito na vida. Sem aprendizagem, a educação não cumpre plenamente suas promessas como impulsora, tanto da eliminação da pobreza como da prosperidade compartilhada. Em muitos países, os resultados da aprendizagem quase sempre são muito piores para os desfavorecidos. No Uruguai, as crianças pobres da sexta série são avaliadas como “não competentes” em matemática a uma taxa cinco vezes mais elevada do que as crianças ricas. Além disso, esses são os resultados para as crianças e jovens que têm a sorte de estar na escola. Muitas nem estão matriculadas no ensino fundamental ou médio, e as que pertencem aos grupos desfavorecidos – crianças pobres, meninas, crianças com deficiência, minorias étnicas – são as que mais podem estar fora da escola. Em conjunto, essas graves insuficiências constituem uma *crise da aprendizagem*.

Não há nada inevitável com relação ao baixo nível de aprendizagem nos países de renda baixa e média.

Quando a melhoria da aprendizagem é uma prioridade, um progresso substancial é possível. No início da década de 1950, a República da Coreia era uma sociedade assolada pela guerra com taxas de alfabetização muito baixas, mas em 1995 tinha alcançado matrícula universal em educação de alta qualidade em todo o ensino médio. De fato, seus jovens apresentavam desempenho nos níveis mais altos nas avaliações internacionais da aprendizagem. O Vietnã surpreendeu o mundo quando os resultados de 2012 do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) mostraram que seus jovens de 15 anos apresentavam o mesmo desempenho que os da Alemanha, apesar do nível de renda muito mais baixo do Vietnã. Entre 2009 e 2015, o Peru conseguiu um dos crescimentos mais rápidos nos resultados globais de aprendizagem devido a uma ação coordenada de políticas e reforma do sistema. E na Libéria, Papua Nova Guiné e Tonga, a leitura dos alunos das primeiras séries melhorou substancialmente no curto prazo graças aos esforços concentrados baseados em evidências.

As três dimensões da crise de aprendizagem

A primeira dimensão da crise são os próprios resultados da aprendizagem.

Conforme descrito anteriormente, a aprendizagem que se espera nas escolas – quer as expectativas baseiem-se em currículos formais, nas necessidades dos empregadores ou simplesmente no bom senso – com frequência não ocorre. *Os níveis de aprendizagem são baixos* e não somente nos países mais pobres. Muitos estudantes de alto desempenho em alguns países de renda média (tais como a Argélia, República Dominicana ou Kosovo) se classificariam no quartil inferior dos estudantes de um país médio

da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Ao mesmo tempo, *as desigualdades nos resultados da aprendizagem são altas*. Ao final do ensino fundamental, apenas 5% das meninas de Camarões provenientes de domicílios do quintil mais pobre aprenderam o suficiente para continuar na escola, em comparação com 76% de meninas do quintil de maior renda. E *melhorias na aprendizagem em todo o sistema são geralmente lentas*. De fato, em todos os países participantes das múltiplas rodadas da avaliação do PISA desde 2003, o ganho na pontuação nacional média de uma rodada para a outra foi zero.

A segunda dimensão da crise de aprendizagem são suas causas imediatas. Estas são visíveis nas escolas nas diversas formas em que se divide a relação ensino-aprendizagem. O *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2018* identifica quatro formas importantes em que essa divisão acontece:

- *As crianças chegam à escola sem preparo para a aprendizagem.* Desnutrição, doenças, baixo nível de investimento por parte do país e ambientes adversos associados à pobreza dificultam a aprendizagem na primeira infância. Trinta por cento das crianças com menos de cinco anos dos países em desenvolvimento são fisicamente atrofiadas, ou seja, têm pouca estatura para a idade, tipicamente devido à desnutrição crônica. Um desenvolvimento básico precário faz muitas crianças chegarem à escola despreparadas para se beneficiarem plenamente do que ela oferece. As habilidades das crianças pobres desenvolvem-se bem mais lentamente nos anos que antecedem o ensino fundamental. Em alguns países, a lacuna entre a capacidade das crianças mais ricas e a das mais pobres em reconhecer as letras do alfabeto é duas vezes maior entre os três e os cinco anos de idade. As mensalidades escolares e os custos de oportunidade da escolarização impedem muitos jovens de frequentar a escola, e a dimensão social da exclusão – por exemplo, barreiras vinculadas ao gênero ou à deficiência física – exacerbam o problema. Essas desigualdades na participação acadêmica ampliam as lacunas nos resultados da aprendizagem.
 - *Frequentemente, os professores carecem das habilidades ou da motivação para ensinar com efetividade.* Os professores constituem o fator principal que afeta a aprendizagem nas escolas. Nos Estados Unidos, os alunos de professores excelentes aprendem três vezes mais rapidamente do que os alunos de professores ineficazes; nos países em desenvolvimento, a qualidade do professor pode ser ainda mais importante. No entanto, a maioria dos sistemas educacionais não atrai candidatos com formação sólida, nem forma professores com eficácia. Por exemplo, estudantes com 15 anos de idade que aspiram a ser professor têm uma pontuação abaixo da média do PISA em quase todos os países. Em todos os 14 países subsaarianos, o professor médio da sexta
- série do ensino fundamental não tem melhor desempenho nos testes de leitura do que os estudantes da sexta série com desempenho elevado. Além disso, grande parte do tempo de ensino é perdida, porque o tempo em sala de aula é utilizado em outras atividades ou porque os professores estão ausentes. Em sete países subsaarianos, um em cada cinco professores estava ausente da escola nas recentes visitas não anunciadas das equipes de pesquisa, além de outro quinto dos professores que estavam presentes na escola, mas ausentes da sala de aula. Esses diagnósticos não visam a culpar os professores; pelo contrário, chamam atenção para o modo como os sistemas educacionais prejudicam a aprendizagem ao não apoiar seus educadores da linha de frente.
- *Os recursos frequentemente não chegam às salas de aula ou não afetam a aprendizagem.* A opinião pública relaciona com frequência os problemas de qualidade da educação à falta de recursos, tais como carência de livros didáticos ou de tecnologia da educação. Destinar recursos suficientes à educação é crucial, mas a escassez de recursos no sistema explica somente uma pequena parte da crise na aprendizagem. Uma razão é o fato de que os recursos frequentemente não conseguem chegar às salas de aula. Em Serra Leoa, por exemplo, os livros didáticos foram distribuídos às escolas, mas inspeções de acompanhamento encontraram a maioria dos livros trancados em armários sem serem utilizados. Da mesma forma, muitas intervenções tecnológicas fracassaram antes de chegar às salas de aula e até mesmo quando lá chegam, pois geralmente, não melhoram o ensino ou a aprendizagem. No Brasil, por exemplo, a iniciativa Um Laptop por Criança enfrentou anos de demora em vários estados. Além disso, mesmo um ano após os laptops finalmente chegarem às salas de aula, mais de 40% dos professores relataram que nunca ou raramente os utilizavam nas atividades em salas de aula.
 - *Gestão e governança precárias muitas vezes reduzem a qualidade da educação.* Embora uma boa liderança escolar não melhore diretamente a aprendizagem dos estudantes, ela o faz indiretamente, reforçando o ensino e assegurando o uso eficaz dos recursos. Uma análise minuciosa das práticas de gestão mostra que as escolas nos países em desenvolvimento frequentemente sofrem de gestão precária em comparação com as escolas dos países mais ricos ou até mesmo com empresas do próprio país. Liderança escolar ineficaz significa que os diretores de escolas não se envolvem ativamente em ajudar os professores a solucionar problemas, não oferecem apoio de ensino e não estabelecem metas que priorizem a aprendizagem. Além disso, em muitas situações, as escolas carecem de qualquer autonomia significativa, e a participação da comunidade não afeta o que acontece nas salas de aula.

A terceira dimensão da crise são suas causas sistêmicas mais profundas. Todos esses transtornos em escolas e comunidades são motivados por fatores sistêmicos mais profundos – muitas vezes invisíveis – que afastam os principais atores do enfoque na aprendizagem. Sem dúvida, fazer um sistema educacional funcionar com eficácia implica importantes desafios *técnicos*: partes do sistema precisam estar alinhadas à aprendizagem e ser coerentes entre si, bem como os atores em todos os níveis devem ter capacidade para implementá-lo bem. Mas muitas das causas mais profundas da crise de aprendizagem são de natureza *política*. Os atores têm interesses que divergem da aprendizagem. Os políticos agem de modo a preservar sua posição de poder, que pode levá-los a beneficiar certos grupos (geográficos, étnicos ou econômicos). Os burocratas talvez se concentrem mais em contentar os políticos e os professores em vez de promoverem a aprendizagem dos estudantes ou simplesmente procuram proteger seus próprios cargos. Fornecedores privados de serviços para a educação – quer sejam livros didáticos, construção de escolas ou ensino – podem, na busca do lucro, promover escolhas de políticas que prejudiquem a aprendizagem. Professores e outros profissionais da educação, mesmo quando motivados por um sentido de missão, podem lutar para garantir o emprego e proteger sua renda. Nada disso significa que os atores da educação não se preocupem com a aprendizagem, mas que interesses concorrentes podem assumir proporções maiores do que os interesses alinhados à aprendizagem, especialmente em sistemas mal administrados. Esses desafios técnicos e políticos mantêm muitos sistemas presos em armadilhas de baixa aprendizagem, com baixa responsabilização e alta desigualdade.

Três intervenções para enfrentar a crise

Para progredir, um país precisa: avaliar a aprendizagem e torná-la um objetivo sério; atuar com base na evidência para fazer as escolas trabalharem para todos os educandos; e alinhar os atores para fazer todo o sistema funcionar em prol da aprendizagem.

Primeiro, avaliar a aprendizagem para torná-la um objetivo sério.

- Somente a metade de todos os países conta com medições para monitorar a aprendizagem no final do ensino fundamental – indicadores requeridos para monitorar o progresso no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas para a aprendizagem. Menos países ainda têm a capacidade de acompanhar a aprendizagem ao longo do tempo.
- Os países precisam implementar uma série de avaliações dos estudantes de forma bem estruturada para ajudar os professores a orientar os alunos, melhorar a gestão do sistema e focar a atenção da

sociedade na aprendizagem. Essas medidas podem ressaltar exclusões ocultas, informar sobre escolhas de políticas e acompanhar o progresso.

Segundo, atuar com base em evidências para fazer as escolas trabalharem para todos os educandos.

- Escolas excelentes são aquelas que constroem relacionamentos ensino-aprendizagem fortes na sala de aula. Graças a inovações introduzidas por educadores e aos avanços na neurociência, houve uma explosão de conhecimento sobre o modo como os estudantes aprendem de forma mais eficaz. No entanto, a prática comum nas escolas e comunidades com frequência diverge, acentuadamente, daquilo que a evidência identifica como mais promissor.
- Os países podem usar as evidências para fechar essa lacuna e fazer as escolas funcionarem melhor. O melhor lugar para começar são as três áreas a seguir:
 - *Educandos preparados.* Reduzir a atrofia e promover o desenvolvimento cerebral por meio da nutrição e estímulo na primeira infância (como ocorreu no Chile) para que as crianças possam aprender. Apoiar crianças desfavorecidas com doações para mantê-las na escola (como no Camboja).
 - *Professores capacitados e motivados.* Atrair ao magistério pessoas talentosas (como na Finlândia). Usar a formação de professores continuada e específica, reforçada por mentores (como em algumas regiões da África).
 - *Recursos e gestão focados no ensino e na aprendizagem.* Utilizar tecnologias que ajudem os professores a ensinar no nível do estudante (como em Delhi, na Índia). Reforçar a capacidade e o poder dos gestores escolares (como na Indonésia), incluindo diretores.

Terceiro, alinhar atores para fazer todo o sistema funcionar em prol da aprendizagem.

- Toda essa inovação em sala de aula provavelmente não terá muito impacto se os fatores técnicos e políticos impedirem a ênfase na aprendizagem. Quando os atores principais estiverem focados em metas não relacionadas à aprendizagem (tais como ganho político ou pessoal) ou carecerem da capacidade de implementação, nem mesmo inovações bem formuladas poderão ser aprimoradas ou mantidas. Portanto, mobilizar e alinhar todas as pessoas interessadas na aprendizagem é crucial para fazer todo o sistema funcionar.
- Os países podem evitar as armadilhas da baixa aprendizagem se atuarem em três frentes ao implementarem reformas:
 - *Aplicar informação e medições* para tornar a aprendizagem politicamente relevante (como os programas das organizações não governamentais

ASER e Uwezo fizeram na Índia e no Leste da África).

- *Criar parcerias* para direcionar incentivos políticos para a aprendizagem para todos (como o Chile fez no início de suas reformas educacionais de mais de uma década ou como a Malásia e a Tanzânia fizeram recentemente com seus “laboratórios” de colaboração em todos os grupos sociais para formular programas de reforma).
- *Usar abordagens inovadoras e adaptáveis* para saber que abordagens funcionam melhor em seu contexto (como fez Burundi ao reconstruir seu setor de educação após um conflito).

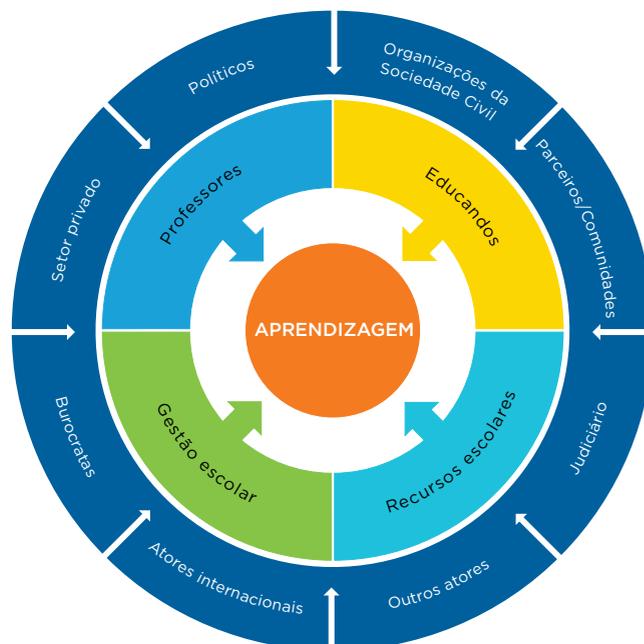
Juntas, essas três ações de políticas podem produzir um sistema no qual os elementos sejam coerentes entre si e todos eles se alinhem com a aprendizagem (Figura 1). Ligações e alinhamento voltados para a aprendizagem são necessários para garantir que os investimentos da sociedade na educação compensem. Considerando os múltiplos retornos da educação – financeiros e não financeiros, tanto para o indivíduo como para a sociedade – alguns países precisam claramente investir mais na educação, especialmente à medida que um maior número de jovens conclua o ensino fundamental e médio e galguem ao ensino superior. Ao mesmo tempo, praticamente todos os países devem gastar de forma mais eficaz. Em todos os países, é frágil o relacionamento entre a despesa pública na educação e os resultados da aprendizagem, mas os investimentos certos podem produzir bons frutos. Usado em conjunto com as ações aqui especificadas, o financiamento da educação pode ajudar a evitar armadilhas da baixa aprendizagem e a ampliar as oportunidades.

Aprendizagem para realizar a promessa da educação

A recompensa desses esforços é uma educação que ajuda o crescimento e o desenvolvimento. Se for realizada com qualidade, a educação cura toda uma série de males da sociedade. Para os indivíduos, promove emprego, renda, saúde e redução da pobreza. Para as sociedades, impulsiona o crescimento econômico de longo prazo, incentiva a inovação, reforça as instituições e promove a coesão social. Porém, como mostram as evidências crescentes, são as *habilidades* adquiridas por meio da educação e não apenas o tempo despendido na escola que conduzem o crescimento e proporcionam aos indivíduos os recursos para o trabalho e para a vida.

Reformas para fortalecer a aprendizagem permitirão aos países colher os múltiplos benefícios da educação. Por exemplo, mesmo uma melhoria relativamente modesta na aprendizagem – capaz de elevar todos os estudantes ao nível do estudante médio do Brasil – pode aumentar as taxas anuais de crescimento no longo prazo em uma economia média, como a do México ou da Turquia, em cerca de dois pontos percentuais. A rápida mudança tecnológica torna as aptidões básicas ainda mais importantes porque possibilitam aos trabalhadores e aos cidadãos se adaptarem rapidamente a novas oportunidades. Os países já deram os primeiros passos ao colocarem tantas crianças e jovens na escola. Agora chegou o momento de realizar a promessa da educação por meio da aceleração da aprendizagem para todos.

Figura 1 Ligações e alinhamento para a aprendizagem



Fonte: Equipe do WDR 2018.